



DECRETO N.o. 6486 de 11 de maio de 1981

DENOMINA "MARCUS PEREIRA" VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 - Lei Orgânica dos Municípios,

DECRETA:

Artigo 1o. - As Ruas 5 do Jardim São Gabriel e 5 do Jardim Bonsucesso, com início na Avenida Paulo Cuba de Souza e término na Avenida Engo. Augusto Figueiredo, ficam denominadas "RUA MARCUS PEREIRA".

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 11 de maio de 1981

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

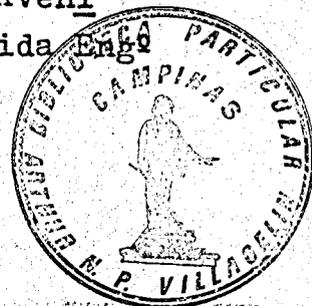
ENGo. DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado N.o. 6543, de 27 de fevereiro de 1981, em nome do Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 11 de maio de 1981.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA MARCUS PEREIRA

(Denominação dada pelo Decreto 6486, de 11 de maio de 1981, às ruas 5 do Jardim São Gabriel e 5 do Jardim Bonsucesso, com início na Avenida Paulo Cuba de Souza e término na Avenida Augusto Figueiredo)



CORREIO POPULAR de 03-04-1981

O criador do mapa musical do Brasil

Odilon Nogueira de Matos

Foi com a expressão supra que um jornal de Porto Alegre referiu-se ao falecimento de Marcus Pereira, ocorrido em São Paulo a 20 de fevereiro do corrente ano. E noutro jornal, desta vez da capital paulista, Armando Ferrentini, numa sentida homenagem, chamava-o de D. Quixote. Conheci Marcus Pereira quando, ginasiano ainda, foi meu aluno no velho "Saldanha da Gama", malograda experiência de ensino secundário na cidade de São Paulo, pela qual me entusiasmei arrastado pelo idealismo sem par do saudoso João Ernesto de Souza Campos. Na época, estavam aparecendo as primeiras turmas de professores diplomados pelas Faculdades de Filosofia (licenciados), contra os quais havia tremendo preconceito por parte das escolas tanto oficiais como particulares. Souza Campos idealizou um ginásio onde só lecionassem licenciados, com a preocupação de renovar de vez os métodos de ensino em nossa terra. Escusado dizer que demos com os burros n'água, para gaudío dos nossos adversários.

Não me lembro se Marcus Pereira chegou a concluir o curso ginasial no "Saldanha da Gama". Sei apenas que, uma vez diplomado, encaminhou-se para a Faculdade de Direito, mas creio que pouco exerceu a advocacia. Vim a encontrá-lo muitos anos depois como secretário da saudosa "Anhembi", a revista de Paulo Duarte, na qual tive a honra de colaborar por vários anos. Quando a revista deixou de circular, também perdi contacto com Marcus Pereira, embora dele tivesse notícias pelo seu pai, José Antero Pereira Júnior, que foi sempre muito meu amigo. O Antero eu o conheci secretário da Faculdade de Medicina Veterinária de São Paulo, mas de-

pois que ele foi posto à disposição da Faculdade de Filosofia a fim de trabalhar com Plínio Ayrosa no Museu de Etnografia, em nosso convívio se tornou maior. Sua vocação, na realidade, era a Arqueologia e a Pré-História, atividades para as quais o cargo burocrático e administrativo que exercia de nada servia. Companheiros do Instituto Histórico, tornamo-nos depois confrades na Academia Paulista de História, que pouco chegou a frequentar. Foi dos primeiros acadêmicos a falecer e sua cadeira (patrono: Teodoro Sampaio) veio a ser ocupada por Lycurgo de Castro Santos Filho, atual presidente da Academia.

Mas, voltando ao seu filho Marcus, que vem de falecer com apenas meio século de existência; depois de realizar-se como publicitário, empreendeu sua mais vasta e louvável tarefa: fundou uma gravadora destinada a registrar para a posteridade o que houvesse de melhor e mais autêntico em matéria de música brasileira. Surgiu, assim, a Marcus Pereira Discos, que chegou a editar mais de uma centena de gravações, cobrindo praticamente o Brasil todo. Daí a expressão acertada do jornal gaúcho registrando o falecimento do "criador do mapa musical do Brasil". A obra que empreendeu, e que muito longe poderia ir ainda não fora a trágica ocorrência que lhe tirou a vida, é de mais alto valor cultural, indispensável para o bom conhecimento da verdadeira cultura brasileira.

Por chocante coincidência, no mesmo Jornal paulistano que noticiou seu falecimento, o musicólogo Carlos Gonzalez, entusiasticamente noticiava o lançamento de seu último disco...



FAL EM 13-02-1981 EM SP Diário Popular

Marcus Pereira, a sua última opção

Faleceu na última sexta-feira, o ex-publicitário Marcus Pereira.

Sua passagem pela propaganda brasileira foi tão marcante que, mesmo deixando a profissão, em 1973, para se dedicar à sua Discos Marcus Pereira, o "ex" lá de cima jamais lhe caiu bem.

Marcus sempre foi um comunicador.

Nascido em São Paulo, em 4 de abril de 1930, formou-

se advogado em 1954 pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, atividade que preferiu não exercer.

Ingressou na publicidade em 1957, como redator da Itapetininga Propaganda.

Em 1960, abre o seu próprio negócio, a Marcus Pereira Publicidade, agência que fechou em 1973, para se dedicar à produção de discos. Amante e defensor da verdadeira música popular brasi-

leira, sua empresa Discos Marcus Pereira chegou, em outubro do último ano, a atingir 140 discos em catálogo.

Foi o primeiro colunista publicitário de São Paulo, com uma coluna dominical n' O Estado de São Paulo durante seis anos (1957 a 1963).

Foi colaborador da Revista Propaganda, cujos atuais diretor e secretário geral, Armando Ferrentini e Roberto Simões, prestam-lhe as homenagens abaixo.

("Diário Popular", de 15-fevereiro-1981)



Marcus Pereira (foto do seu livro "Lembranças de Amanhã", MG Editores Associados, SP, outubro 1980)

Marcus Pereira, o batalhador

Polêmico frequentador do velho centro acadêmico da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Foi aí que começou a despontar o nome de Marcus Pereira. Um idealista franco, um brigador de boa cepa e que, como hobby, apreciava noites de música popular brasileira, arrepiando-se quando saía desta moldura musical.

Bom orador e bom escritor, foi para a revista "Anhembí", um reduto político-cultural sustentado pelo esforço de Paulo Duarte. Redigiu, secretariou, começou a tomar gosto pela coisa publicitária, nela inserindo seus primeiros estudos sobre campanhas. Além de também falar de tons e semitons.

Vencida a fase jornalística e escudado numa promessa do então governador Carvalho Pinto de lhe entregar contas estatais, acabou por formar, junto com Aluísio Falcão, seu parceiro de muitos anos, sua própria agência de publicidade. Uma agência dimensionada para ser média, debruçada em alguns poucos clientes que ele fazia questão de atender com rigor. Durante muito tempo, a conta-base era o Café Solúvel Cacique para a qual elaborou memoráveis campanhas, lastreadas na tônica de quebrar resistências de mercado em relação ao produto. Campanhas que, além de um forte talento promocional, tinham por alvo reeducar o consumidor em relação ao café. Essa forte estruturação mercadológica fez com que a agência saísse vencedora com um dos prêmios Top de Marketing, no primeiro ano de premiação.

Em 1958, Marcus Pereira passou a redigir, semanalmente a coluna "Publicidade", através das páginas de O Estado de São Paulo. Inaugurava assim o colunismo de propaganda em São Paulo. Uma coluna pautada na análise vertical do negócio publicitário, sempre preocupada com a melhoria do produto propaganda. Os artigos de fundo verrumavam: ora a potencialidade dos veículos, ora as técnicas de criação, ora a análise econômica. Ainda agora, em dezembro, uma seleta destas crônicas foi reunida num excelente livro, sob o título Lembranças do Amanhã.

Com música nas veias, foi ser empresário de uma bem sucedida casa noturna, "O Jográl", associado a Luís Carlos Paraná, onde não havia concessões: tocava-se apenas boa música brasileira.

Foi na Marcus Pereira Publicidade que esboçou-se a Marcus Pereira Discos. A princípio, um elepê anual como brinde da própria agência. Depois, alguns outros para seus clientes. Quando ele se enfiou da propaganda, após ter sido inclusive candidato perdedor para a presidência da APP, foi se enfiando no mundo das gravações. Aí desenvolveu suas novas polêmicas que sempre se orientavam pela defesa da nossa música e folclore. Fez um trabalho hercúleo, através de um selo que não se deixava encantar pela magia das paradas de sucesso. Travou lutas sérias, criou mesmo inimigos.

Se tivesse que resumir sua vida numa única palavra, esta só poderia ser batalha. Mas o batalhador acabou deixando-se vencer pela angústia e pela desilusão. Sua morte, sexta-feira última, deixa em nós uma série de pontos a serem meditados.

Roberto Simões



A morte de D. Quixote

O pior momento da atividade de um jornalista, é quando ele se vê diante da falta de palavras.

Pois é exatamente essa a sensação que me domina, ao querer abordar a morte de Marcus Pereira.

Ainda no último domingo, noticiel sua trágica tentativa de suicídio ocorrida na manhã de sexta-feira, 13, citando rapidamente suas três últimas principais atividades: diretor-proprietário da Marcus Pereira Publicidade (1960-1973), agência que fechou voluntariamente para abrir sua Discos Marcus Pereira, e proprietário do Jográl, onde se ouvia a melhor música brasileira.

Nessa nota, as palavras afloraram fáceis, pois havia a esperança da volta à vida, por parte daquele amigo não assíduo, mas querido, respeitado e admirado.

"Um instante de angústia não foi o suficiente para derrotar a força da sua vida", escrevi então, certo de que Marcus sairia de mais aquela aflição.

Torci para que isso acontecesse, durante toda a semana, embora as notícias sobre o seu estado, colhidas já na manhã de segunda-feira, enfraquecessem minha fé.

Infelizmente, Marcus morreu.

No mesmo dia da semana que escolheu para começar a deixar a vida: sexta-feira, não mais 13, mas angustiante como todas as sextas-feiras, para aqueles que temem o não ter para onde ir dos seus conflitantes fins de semana.

Não quero ser piegas. A morte é a confirmação da própria existência e a sua única e inevitável grande certeza.

Mas, quando ocorre a um talento como Marcus Pereira — e da forma dada —, atinge um grau de inconformismo que nos deixa um pouco mortos, também.

Não há mais o que dizer.

Neste fim de semana, lerei novamente trechos do seu livro recém-lançado, "Lembranças de Amanhã".

Certo de que, entre elas — entre as minhas — já está reservado um lugar especial para esse D. Quixote da comunicação brasileira, um tipo que sempre gostei.

Armando Ferrentini

(Recortes do "Diário Popular", de S. Paulo, de 15-fevereiro-1981)

Falecimentos

Rio de Janeiro

Raul Loureiro de Azevedo, 68, de parada cardíaca respiratória, na residência no Leblon, Carioca, professor, casado com Luíza Correia de Azevedo, tinha uma filha: Alalde, dois netos. Será sepultado às 10h no Cemitério São João Batista.

Manro Pereira da Silva, 53, de infarto, no Prontocor. Carioca, comerciante, casado com Paula Dourado da Silva, tinha três filhos: Dorothea, Delcio e Delmo, oito netos, morava em Copacabana. Será sepultado às 9h no Cemitério São João Batista.

Carmen Vieira Guimarães, 70, de parada cardíaca, na Casa de Saúde São Sebastião, Carioca, viúva de Fernando Diniz Guimarães, tinha uma filha: Rita Guimarães dos Santos, dois netos, morava no Flamengo. Será sepultada às 11h no Cemitério São João Batista.

Messias Soares de Albuquerque, 48, de insuficiência

cardíaca, no Hospital do Carmo, Carioca, industrial, casado com Olívia Pinheiro de Albuquerque, morava no Flamengo. Será sepultado às 9h no Cemitério São João Batista.

José Maria de Carvalho, 62, de derrame cerebral, no Prontocor. Comerciante, português, casado com Sylvia Martins de Carvalho, morava na Tijuca. Será sepultado às 10h no Cemitério São Francisco Xavier.

Albertina Pádua de Souza, 88, de arteriosclerose, na residência no Grajaú, Carioca, viúva de Tullio V. de Souza, tinha três filhos: Mariza, José Carlos e Maristela, netos e bisnetos. Será sepultada às 10h no Cemitério São Francisco Xavier.

Walter Rodrigues Filho, 52, de infarto, na residência em Bonsucesso, Carioca, industrial, solteiro. Será sepultado às 9h no Cemitério São Francisco Xavier.

Estados

Marcus Pereira, 50, em consequência de um tiro que deu no ouvido há uma semana, no Hospital Nove de Julho. Produtor de discos, jornalista e publicitário, chegara de uma viagem dia 13; à tarde, a seu apartamento, nos Partins, e pediu que a empregada descesse. Quando a empregada voltou, encontrou-o já agonizante. Levado às pressas para o Hospital das Clínicas foi depois transferido para o Nove de Julho. Nascido em São Paulo, formou-se em 1954 pela Faculdade de Direito da USP, dirigiu a redação do Jornal de Debates e foi secretário da revista de cultura Anhembi, também na década de 50. Em 1957, começou na publicidade e passou a assinar uma coluna dominical no jornal O Estado de S. Paulo sobre o assunto.

Em 1960 criou sua agência, a Marcus Pereira Publicidade, de que, em 1973, saiu para fundar a Gravadorá Discos Marcus Pereira, que lançou o primeiro disco de Cartola, em 1974, e fez o mapa da música folclórica brasileira. Casado duas vezes, mas separado das duas mulheres, tinha três filhos. Foi sepultado no Cemitério de São Paulo.

Angelina Breschlaro, 83, em São Paulo. Viúva de Angelo Braulino, tinha os filhos: Ernesto, Maria, casada com Inácio Pilon e Aparecida, casada com José Milton Candido, além de netos, bisnetos, irmãos, cunhado e sobrinhos. Será cremada às 9h.

Emílio Simão, 81, em São Paulo. Casado, tinha filhos, netos, irmãos, cunhados e sobrinhos.

Alvaro Gomes, 79, em São Paulo. Casado com Luíza Gomes, tinha filhas, genros e netos.

Antonio Mello Alvarenga, 80, de parada cardíaca, em Belo Horizonte. Mineiro de São João del Rei, onde completou o curso secundário no Ginásio Santo Antonio. Perdendo o pai (Antonina Candido Martins de Alvarenga) aos 19 anos, fez o curso de Medicina em Belo Horizonte com o que lhe mandava a mãe, farmacêutica prática (Afonso de Mello Alvarenga), que ficou à frente da Farmácia



Marcus Pereira

Diabético em 1943, ingressou na Escola de Gignard — terapia ocupacional que o fez esquecer um pouco os oito filhos em idade escolar. Esqueceu tanto que se tornou o principal incentivador da nova Santa Casa, planejada pelo professor Ernesto Souza Campos, de São Paulo, e da qual foi diretor clínico, depois de Julio Soares — de quem foi grande amigo.

Médico do Pronto-Socorro e depois membro do corpo clínico do Instituto de Previdência do Estado de Minas Gerais durante vários anos fez parte do Conselho Universitário. Em 1931 criou a primeira Policlínica em Belo Horizonte. Tinha os filhos: Octavio, Roberto, Maria Luíza, Afonso, Chloris, Antonio Luiz e Nelson.

Armando Abrantes, 63, de parada cardíaca, no Hospital da Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre. Natural da capital gaúcha, trabalhou durante 17 anos na Cacex do Banco do Brasil. Ultimamente era empresário da construção civil. Casado com Doris Abrantes, tinha cinco filhos: Roger Nelson Abrantes (bacharel em administração de empresas e assessor da diretoria do Banco de Investimento Sul-Brasileiro), Fernando Carlos Abrantes (executivo da construção civil), Paulo Roberto Abrantes (piloto da Varig), Luiz Armando Abrantes (comissário de bordo da Cruzeiro do Sul), Ana Maria Abrantes (estudante) e quatro netos.

Antonio Veloso da Silveira,

Fazenda faz vistoria sobre ICM

A Operação Noturna, da Secretaria Estadual de Fazenda, mobilizou ontem à noite 38 fiscais de renda em visita a cerca de 50 bares e restaurantes do Flamengo, Botafogo, Catete, Laranjeiras e Santa Teresa, com o objetivo de constatar irregularidades no Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM). A fiscalização se estendeu até a madrugada de hoje.

Os fiscais foram divididos em grupos de dois e três, com a supervisão de inspetores. Em alguns restaurantes, como a Churrascaria Gaúcha, na Rua das Laranjeiras, a fiscalização foi permanente (até o fechamento) porque os fiscais desconfiaram do baixo movimento registrado até as 21 horas. Ficaram sentados numa das mesas para ver se os fregueses recebiam notas fiscais ou cupons da caixa registradora, com o montante das despesas.

BEM-RECEBIDOS

Em geral, os fiscais foram muito bem recebidos pelos donos e gerentes dos restaurantes, que se prontificaram a lhes oferecer "algo para beber". No início, o inspetor-chefe Dimar Silva Necco visitou a Churrascaria Majórica, na Rua Senador Vergueiro, Flamengo, e o Rio's Restaurante, no Parque do Flamengo, confirmando que os seus fiscais nada encontraram de anormal.

Além da verificação de emissão de notas fiscais e de cupons, os fiscais observaram também as bebidas estrangeiras, para ver se continuam o selo do ICM. Nas três primeiras casas — Majórica, Gaúcha e Rio's — não foi constatada nenhuma irregularidade com as bebidas importadas.

O dono da Churrascaria Majórica, Ernesto dos Santos, disse que ficou surpreso com a chegada dos fiscais à noite. "Eles aparecem sempre durante o dia, mas está tudo bem. Sempre paguei o fisco e par mim a visita é até agradável", disse.

Investigador é ouvido em sigilo

São Paulo — O investigador Miguel da Silva Lima, Miguelzinho, acusado de chefiar a quadrilha de policiais corruptos do Detran de São Paulo foi ouvido ontem, sigilosamente, na Corregedoria do Degran (Departamento das Delegacias Regionais de Polícia da Grande São Paulo).

Declarou que as fazendas que possui em Descalvado e São Carlos — avalladas em quase Cr\$ 40 milhões — foram compradas com dinheiro emprestado de seu amigo Rubens Pereira, que trabalha com compra e venda de terras. Afirmou ainda que tem depositados em bancos, cerca de Cr\$ 6 milhões, mas não explicou como conseguiu esse dinheiro. Como investigador recebe cerca de Cr\$ 18 mil mensais.

Comerciante

Mulher bonita éisca por joalheiro abrir loja e se roubado em Cr\$ 2 mil

Armados com revólveres e pistola, dois homens e uma mulher bonita, na tarde de ontem, assaltaram a loja Jóias, na Rua Nicarágua, 370, sala 206, na Pelevaram cerca de Cr\$ 2 milhões em jóias de ouro, além de dinheiro e documentos do dono Francisco Ribeiro de Carvalho.

Os assaltantes entraram e saíram do prédio despertar suspeitas. Somente vários minutos da fuga é que Francisco, que havia ficado na joalheria, pôde dar o alarma.

UMA LOURA A PORTA

Por volta das 14h20m, Francisco estava só na sala 206, onde tem sua joalheria, quando a campanha da porta soou. Ele foi atender e viu uma mulher loura, bem vestida e bonita. Abriu a porta e foi ameaçada por um revólver.

A loura, a seguir, chamou seus dois cúmplices, que estavam escondidos, e entraram na joalheria. Francisco foi colocado deitado no chão, e enquanto um dos ladrões — o preto armado de pistola — o vigiava, o casal apanhava, de gavetas e prateleiras, jóias, pedaços de ouro e pedras preciosas.

Segundo a vítima, eles levaram seus documentos, Cr\$ 7 mil, relógio, um anel de ouro com brilhante, um anel de ouro com safiras, um broche de ouro ornamentado com 24 brilhantes, um argólo de ouro, uma moeda de prata cunhada por ocasião da Independência do Brasil, peça de grande valor histórico, cinco cordões de ouro, uma pulseira cravejada de brilhante, uma peça de ouro pesando 30 gramas, cinco relógios e grande quantidade de pedras semipreciosas.

Os assaltantes agiram com muita calma, informou Francisco aos policiais da 22ª DP, ao apresentar queixa. Antes da fuga, tiraram-lhe também as chaves da joalheria e Francisco só conseguiu sair utilizando as chaves de reserva. Seu prejuízo, disse, é total.

Ladrão de turista leva surra em Copacabana

O assalto sofrido por um turista argentino ontem à tarde, em Copacabana, não foi registrado na 12ª Delegacia, porque ele, indignado com a demora dos policiais e a burocracia do registro, se retirou. O turista foi assaltado na Rua Ronald de Carvalho, e chegou a entregar ao assaltante uma cédula de Cr\$ 1 mil rasgando Cr\$ 1 mil 500, despertando a atenção de populares, que saíram em perseguição ao ladrão.

Givanir Arno Herculano — o assaltante — foi espancado por populares e ficou deitado na calçada da Rua Ronald de Carvalho, à espera da patrulha que o levou à 12ª DP. O gerente do Finest Club — no número 154 da Rua Ronald de Carvalho —, Alexandre dos Santos, disse que o argentino "gritava por socorro e rasgava o dinheiro".

Na 12ª Delegacia, em Copacabana, apesar do sigilo sobre o assalto, ficou apurado o nome do assaltante: Givanir Ar-

pois as mercadorias não iam no seguro.

EM SÃO CONRADO

Cerca de Cr\$ 2 milhões de jóias foram roubados da residência de Maria Teófilo Teixeira Silveira, na Rua do Clube, 25, São Conrado, empregada Vilma Pereira Silva, que está desaparecida. O furto foi comunicado ao DP, na Barra da Tijuca, apurou ser fictício o emprego fornecido por Vilma, e começou a trabalhar na residência há três dias.

As jóias desapareceram uma gaveta do quarto, levada pela empregada durante a madrugada. Vilma reside com a família em Iguapé e foi apresentada à Tereza pela guarda vigilância Francisco Rosseto. Ele foi detido, mas seguiu provar não ter qualquer envolvimento com o furto. A empregada está sendo procurada pela 16ª DP e por polícias da Divisão de Roubos e Furtos.

Foram furtados dois colares com brilhantes, três correntes de ouro, um relógio Rolex com argola, um anel de ouro, sete alianças e mais anéis com ouro e platina. Encontraram num estojo que também desapareceu. Maria Tereza disse à polícia que durante três dias em que Vilma trabalhou procurou demonstrar interesse pelo serviço, não querendo transparecer intenção de cometer furto.

Ladrão de turista leva surra em Copacabana

no Herculano. Além disso, policial de nome Sérgio disse que se a imprensa quis fotografar o assaltante, que pedir autorização por escrito ao delegado Rui Douro (que há tempos esteve envolvido no caso Aécio e acabou transferido para a 40ª DP em Coelho Neto).

EM BANGU

Em Bangu, cerca de 50 pessoas quase lincharam Cláudio Florêncio de Sousa, que tentou roubar a casa de uma senhora no Comércio, na Rua Celso Vasconcelos. O ladrão foi preso por policiais da 34ª DP.

Segundo testemunhas, a senhora, não identificada, de uma casa comercial, que do teve sua bolsa arrebatada por Luís Cláudio. Revoltado com pessoas que presenciaram o furto começaram a espancar com tanta violência que precisou ser internado no Hospital Olivério Kraemer, ferimentos por todo o corpo.

Empresa é assaltada



Marcus Pereira

Morre o produtor Marcus Pereira

O empresário e produtor de discos Marcus Pereira morreu às 4h30 da madrugada de ontem no Hospital Nove de Julho. Seu corpo, depois de velado no necrotério da rua Antônio Carlos, na Consolação, foi sepultado às 16 horas no Cemitério São Paulo, na presença de vários artistas, críticos de música e admiradores de seu trabalho de preservação da memória musical brasileira.

Marcus Pereira, 50 anos, foi internado dia 13 último no Hospital das Clínicas e, depois, transferido para o Hospital Nove de Julho, permanecendo hospitalizado até à morte, sempre na Unidade de Terapia Intensiva.

Ele foi o idealizador do projeto "Mapa Musical do Brasil", elogiado empreendimento de documentação cultural, que reuniu coleções de discos com a música popular de várias regiões, gravadas por seu selo, o "Marcus Pereira". Para cuidar desse projeto, ele, que se formara advogado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1954, mas desistira de ser promotor público, abandonou também a carreira de publicitário. Professor, jornalista, publicitário, Marcus Pereira decidiu criar sua própria gravadora ao ver que o brinde de Natal de sua empresa — a coleção de quatro LPs "Música Popular do Nordeste" — conquistou um público.

Seus projetos foram sempre elogiados pela crítica especializada, que chegou a compará-lo a Mário de Andrade. Quando foi lançado o primeiro disco da "Marcus Pereira", Carlos Vergueiro, crítico de música de O Estado, observou que "na história da discografia brasileira, é a primeira vez que aparece um álbum tão bem idealizado, tão bem realizado, tão bem gravado e de tanta

importância para a música popular e folclórica de nosso país". Marcus Pereira prosseguiu sua empreitada, lançando a seguir coleções em que documentava a "Música Popular do Centro-Oeste", a "Música Popular do Sul" e a "Música Popular do Norte".

A linha de produção de sua gravadora procurava ser bem definida: música folclórica, brasileira instrumental e de autores novos. O que, na verdade, não o impediu de lançar o primeiro LP do compositor Cartola, um disco histórico, e outro com músicas e trechos do depoimento de Donga ao MIS carioca. Além do lançamento de dois álbuns duplos com composições de Ernesto Nazareth, na interpretação do pianista Arthur Moreira Lima, entre tantos outros. Sua atuação lhe valeu, logo no primeiro ano de existência da gravado-

ra Marcus Pereira, dois prêmios: o troféu Noel Rosa, da crítica paulista, e o Estácio de Sá, concedido pelo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Os projetos da gravadora rapidamente conquistaram um público, formado principalmente por aqueles preocupados com uma música brasileira de raízes. O que, de certa forma, confirmava o ponto de vista do produtor, quando afirmava que a cultura seria capaz de gerar lucros. "Cultura vende, mas não deixam", Marcus Pereira afirmaria, certo de que a qualidade de seus discos iria impor-se a um mercado habituado a consumir apenas quantidade. O grande obstáculo à divulgação da música regional brasileira, segundo ele, era representado pelo "boicote" feito pelas gravadoras multinacionais. Mas, ainda assim, chegou a vaticinar os rumos da música regional que no seu entender será o grande modismo dos anos 80: "Como observador da música popular brasileira, eu acho que a década de 70 foi a da tomada de consciência e a década de 80 vai ser a do boom da música regional".

Essas previsões e, sobretudo o empenho no trabalho de resgate da arte regional, decorrem do contato mais profundo que teve com a música popular em meados da década de 60, quando com Luiz Carlos Paraná fundou a boate Jogra! (1965). Desde esse tempo, e antes também, Marcus Pereira se destacou como um defensor da cultura nacional, atributo sintetizado em suas próprias palavras: "Nas quebradas dos cerrados da cultura, nós aprendemos a lutar por uma coisa absolutamente fundamental: a consciência de nós mesmos. Sobre isto se construirá o País que já tarda".



Marcus Pereira

Música

o projeto da Secretaria Municipal de objetivo de apresentar shows nos teatros programou para hoje o cantor Sérgio Rovito Schille Picchi, no Teatro Paulo-Eiró (av. 9, 765); Anastácia, Jorge Mello e Grupo Teatro Arthur Azevedo (av. Paes de Barros, 650); Odair Cabeça de Poeta e Grupo Teatro Martins Penna (Lgo. do Rosário, 20) e Garoa, Geraldo Filme, Bachorando, Altair Oswaldinho da Cuica, no Teatro Municipais shows começam às 21 horas.

O faz seu último show hoje, às 22 horas, (Al. Santos, 248), onde executa música z. Couvert, 100 cruzeiros.

Hermelino, Frelarmônica e Carlos Mens e cantores que se apresentam na terceira lição da Maratona, com o objetivo de ca da cidade de São Paulo. Os shows ficam manhã, sempre às 21 horas, no Aludônio Augusta, 343). Ingressos: 200 cruzeiros.

O 81 - O projeto Mambembão deste ano grupo de balé e agora traz um grupo de rinos, a Orquestra Afro-Brasileira, que se teatro Maria Della Costa (rua Paím, 72), mostram me hoje às 20 e 22 horas e 8 e 21. Ingresso único de 100

COS e o grupo Bando escuro hoje, a "Oscar Wilde" (rua Santo Antônio), ostrar o "Carnaval de Agora e Sempre" em cartaz somente até hoje.

Rádio

Eldorado

FM 92,9 MHz

NCERTO CULTURA — 1) Smetana, cravo, com Gustav Leonhardt; 2) Beeth-tríplice op. 56, para piano, violino e a Badura Skoda; Anner Bülowe e Franz-jpanhados pela Orquestra Sinfônica regiel Maier; 3) Schubert (Minueto com dois maior, com a Orquestra de Câmara de regência do maestro Karl Münchinger); (Marcha Slava op. 31, com a Filarmôndingida por Ferdinand Leitner).

Cultura

AM 1200 MHz

CERTO MATINAL CULTURA — 1) mundi, música do balé, com a Orquestra Berlin, sob a regência do maestro Herbert 2) Dvorak, sinfonia nº 9, em mi menor, o Mund com a Orquestra de Paris, rge Preis.

CERTO CULTURA — 1) John Steinley istão Wobish, com o I Solisti di Zagreb, stro Janjigro; 2) Mozart (Quarteto nº 2 Quarteto da Universidade Federal do Rio Brahms (Quarteto op. 51 nº 2, com o no)

ICA POPULAR BRASILEIRA ESPECIAL tor.

RA COMPLETA — Hoje: Wotzek, de kau, Lear, Melcher, Wunderlich, Stokz e questra da Rádio Alemã de Berlin, sob a estro Böhm.

IMO CONCERTO — 1) Cesar Franck Demus; 2) Luiz Levy (Valsa Brillante, Philharmonia Orchestra, regida por Sci-

Teatro

De Brendan Behan. Adaptação de Paulo o: Luiz Damasceno. Elenco: Companhia och. Num bordel decadente, seus propri-entadores vivem uma noite de intera o São Pedro (rua Albuquerque Lima, 171), dia 28, sempre às 21 horas, exceto no do há também uma sessão às 18 horas, de 100 cruzeiros.

DE JANIO — De Millôr Fernandes, nio Abujamra. Elenco: Caçilda Lanu, gal, Francários Reis, Clarisse Abujamra e . Em um bar, cinco personagens se encon-ntar um período recente da História do idado TBC (rua Major Diogo, 315). De eira, às 21 horas; sábados às 20 e 22h30 a, às 18 e 21 horas. Ingressos: de quarta-omingo, 400 cruzeiros e 200 (estudantes), de 400 cruzeiros.

ANUNCIO. O ATOR SOLITÁRIO QUE NHA — De Caliny e Kleber Afonso, e. Elenco: Caliny, Alexandre de Oliveira, arade e Oswaldo Spindola. "Um ator psexual resolve quebrar a monotonia e único para conseguir correspondente." — Sala Oscarito (av. S. João, 1.787), a-feira, às 21 horas; sábados, às 20 e 22

Rio Samba Carnaval

BAILI DO VERMELHO E PRETO

CARNAVA

Agora é Carnaval

Marcha, de volta. E o frevo é opção

EDUARDO MARTINS

Ainda há fogo sob as cinzas. Empurrada pelo poder dos meios de comunicação ou pelo prestígio dos intérpretes dos carnavais passados, a marchinha está de volta, em sua versão 81, falando até do guaraná (em pó) ou da mulher do Padilha. Temas atuais aus-

ter econômico, numa caixa de quatro discos, a CID reúne um vasto pot-pourri de "113 Great Carnival Songs" sob o título geral de Brasil é Samba. Nem tudo, porém, é "carnival song": existem muitas músicas de meio de ano. E mesmo o Brasil é Samba começa com uma seleção de marchas.

errar as indicações da música tradicional de carnaval. E a escolha só difere na duração: Samba, Suor e Ouirco, Volume 5, da Som Livre, emenda 28 deles e, embora em rápida execução, consegue proporcionar, com uma banda de estúdio, uma aceitável amostra